

QUESTÃO DE ESTRATÉGIA

SÃO PAULO — O CÂMBIO NEGRO LANÇOU DOIS DISCOS PELA GRAVADORA BRASILIENSE DISCOVERY E LEVOU MAIS DE TRÊS ANOS PARA VER O TERCEIRO NAS LOJAS. QUANDO O CD SAIU, PELA PAULISTA TRAMA, X, RITCHE, BEL, DANIEL E MARCELINHO FIZERAM AS MALAS E SE MUDARAM PARA SÃO PAULO.

“Foi por questões estratégicas”, diz o vocalista X, de 30 anos. “Nós, do Centro-Oeste, ficamos afastados de tudo. Ninguém traz o grupo para tocar porque é caro — cinco pessoas, passagem e estadia. Estando em São Paulo, fica mais fácil e mais barato. Hoje temos equipe técnica, de som e luz, empresário e dois *roadies*. Em Brasília, nunca tivemos isso.”

X começou no rap aos 13, na Ceilândia. Já tinha morado em São Paulo por dois anos, até 1997, trabalhando numa rádio comunitária do Ipiranga. Quando voltou à capital paulista, em dezembro passado, veio morar com a mulher, no Jabaquara. Na casa da sográ, literalmente.

Ritche, Bell e Daniel foram para o apartamento de um amigo, na Mooca. “A gente divide tudo — o quarto, o beliche, as compras, a faxina”, diz o baterista Ritche. A limpeza do “alojamento” está organizada em tabelas (revezando sala, cozinha, banheiro e quarto). O DJ Marcelinho mora separado, em Perdizes.

SAUDADE DE BRASÍLIA

“Não está fácil, mas a gente quer continuar aqui”, diz Daniel. “O problema é a saudade de Brasília”, emenda Ritche. “Várias coisas legais estão aparecendo, estamos trabalhando de verdade. É o terceiro disco do Câmbio, mas é como se fosse o primeiro. O segundo não teve divulgação, só de boca em boca.”

Nos últimos três meses, eles abriram show do Charlie Brown Jr. no Tom Brasil, gravaram um *Quiz MTV* com os Raimundos,

Marcos Fernandes



Câmbio Negro em São Paulo: Ritche, Bel e Daniel dividem apartamento na Mooca; já o vocalista X (D) se instalou no bairro do Jabaquara

PERSONAGEM DA NOTÍCIA

MIRANDA É O PADRINHO DOS BRASILIENSES

Raimundos, Rumbora e Câmbio Negro vieram a São Paulo pelas mãos do mesmo homem: Carlos Eduardo Miranda. Gaúcho, 37 anos, ele é responsável por um dos selos da gravadora Trama, o Matraca, que lançou este ano os CDs de Rumbora e Câmbio Negro.

Foi Miranda quem lançou Raimundos, em 1994, pelo Banguela Records, selo que

tinha com os Titãs. Recebeu uma fita da banda e armou o primeiro show em São Paulo — eles abririam para os Titãs no Olympia. Só então conheceu Rodolfo, Canisso, Fred e Digão. Da sacada do apartamento em Pinheiros. Ficaram todos lá em casa, no meio das fitas demo. No chão mesmo.”

Alfe Bacalhau, do Rumbora, ele já conhecia dos tempos do Little Quail (que também lançou disco pelo Banguela). Os dois apareceram na casa dele em 1997, depois da festa do Video Music Brasil (MTV). Deixaram uma demo. “Chapei, fiquei louco para lançar”, lem-

bra Miranda, que também já vinha de olho no Câmbio Negro desde que estava no Banguela.

Também responsável pelos discos de estréia do Maskavo Roots e do Pravda, ele acha até curiosa essa “integração” com as bandas brasilienses. “Brasília é uma cidade muito estranha, mas sensacional. As bandas são bem organizadas, batalhadoras, sérias, sabem o que querem, e são solidárias umas com as outras. Devem ter uma formação diferente, não sei. Vai ver é o céu da cidade que faz isso. É o mais lindo do mundo.” (T.A.)

uma participação no *Muvuca* de Regina Casé, tocaram em Belo Horizonte com o Sepultura, uma vez em Curitiba, duas no Rio. No último dia 9, abriram para o Pavilhão 9 no Palace, uma das principais casas de espetáculos de São Paulo.

“Foi muito bom. Está na hora de o rap nacional ocupar esse espaço”, diz X, que fala “do DF”

em todos os shows. “Tento mostrar que a Brasília não é a capital da roubalheira, que também tem periferia e não é apenas rock’n’roll. Saí pela necessidade da banda crescer mais, mas Brasília é a nossa cidade. Quero que seja conhecida e respeitada.”

No Palace, a recepção foi das melhores. Mais agitado, só o Festival Internacional de Rap,

que reuniu 20 mil pessoas no Anhembi, em março. “Tocamos para uma platéia 90% rap, da periferia, que berrou, dançou, pirou. Lavamos a alma.”

Desde que se mudou para São Paulo, X só foi a Brasília duas vezes. A mãe deixou a casa na Ceilândia para trabalhar nos Estados Unidos, como cozinheira de embaixador. O filho, de

nove anos, ficou na cidade. “A gente conversa bastante, ele entende. Quero construir minha casa lá, envelhecer e morrer no DF. Só não quero envelhecer mais rápido, morrer mais cedo, porque não posso trabalhar, viver da minha música.”

Bandas de Belo Horizonte, como Skank, Pato Fu e Jota Quest, nunca precisaram sair da cidade deles para viver de música. Em Brasília, por enquanto, dos que têm contratos com gravadoras, só o Nativus ficou. “Eles podem ficar, têm um esquema bom com a EMI. Fazem muitos shows, têm passagens de avião”, diz Rodolfo, vocalista dos Raimundos, que vive cercado de brasilienses em São Paulo. “Quando as bandas vêm para cá, a gente só sai em bando.”

Para o baterista dos Raimundos, Fred, outro que sempre está nos shows dos contrerrâneos, é impressionante a diferença de relacionamento das bandas. “Em Brasília todos fazíamos parte do mesmo círculo de amizades. Em São Paulo, não. Há muita rivalidade. Se um brasiliense viaja, entrega sua fita para alguém que possa te ajudar. Mesmo que fale mal de você, entrega. Se fosse paulista, essa fita poderia ser queimada no meio do caminho.”